



PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof^ª Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
 Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
 Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof^ª Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
 Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^ª Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
 Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
 Prof^ª Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
 Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof^ª Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
 Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
 Prof^ª Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
 Prof^ª Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
 Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
 Prof^ª Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
 Prof^ª Dr^a Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^a Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
 Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^a Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 Prof^ª Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
 Prof^ª Dr^a Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
 Prof^ª Dr^a Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
 Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
 Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof^ª Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
 Prof^ª Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
 Prof^ª Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof^ª Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
 Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
 Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
 Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
 Prof^ª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
 Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
 Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
 Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
 Prof^ª Dr^a Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
 Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
 Prof^ª Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Prof^ª Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
 Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
 Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Prof^ª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
 Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^a Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof^ª Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
 Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
 Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
 Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
 Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
 Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
 Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
 Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
 Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
 Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof. Me. Gustavo Krahel – Universidade do Oeste de Santa Catarina
 Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
 Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
 Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
 Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
 Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
 Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
 Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
 Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
 Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
 Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
 Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
 Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
 Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Psicologia: trabalho e sociedade, cultura e saúde

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
P974	Psicologia: trabalho e sociedade, cultura e saúde / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5983-268-2 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.682210707 1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título. CDD 150
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou permite a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Psicologia: Trabalho e Sociedade, Cultura e Saúde*, reúne em seu primeiro volume, dezoito artigos que abordam diversas temáticas no que diz respeito às questões fundamentais da Psicologia na contemporaneidade.

A psicologia enquanto ciência retoma muitas iniciativas tanto da filosofia quanto da fisiologia, que desde a antiguidade tenta se ocupar, com reservas, das tramas, conflitos, funcionamento e atitudes internas e “mentais” do homem. Nessa veia, os laboratórios germânicos surgem para descrever e tabular esses comportamentos internos do homem e tornar explícitos os mecanismos que levam ao funcionamento mais íntimo da vida humana.

No entanto, a psicologia enquanto profissão gasta ainda um tempo para se lançar tímida ao mundo. Apesar dos laboratórios, dos testes franceses iniciados por Janet e outros, é possível marcar o início da profissão do psicólogo na virada do século XIX, nos Estados Unidos.

Mas vale lembrar que a profissão em torno da Psicologia, não se limitou apenas aos atos clínicos. Da criação de testes, ao estudo laboratorial do comportamento humano, uma infinidade de novas práticas se somaram para compor o cenário único do universo psicológico.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ESCRITURA E A IMPLICAÇÃO NO TRABALHO DE PESQUISA

Cinthia Lucia de Oliveira Siqueira

Joao Batista Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107071>

CAPÍTULO 2..... 14

“NINGUÉM NUNCA FICARÁ ENTRE”: A DINÂMICA E ESTRUTURA DA PSICOSE EM BATES MOTEL

Débora Maria Biesek

Samanta Antoniazzi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107072>

CAPÍTULO 3..... 28

DEPRESSÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Mylena Menezes de França

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Silvana Barbosa Mendes Lacerda

Elvira Daniel Rezende

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107073>

CAPÍTULO 4..... 40

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A CIRCULAÇÃO DA PALAVRA NA EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE LEITURA PALAVRAS LIVRES EM UM PRESÍDIO

Luciane Maria Ribeiro da Cruz Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107074>

CAPÍTULO 5..... 48

O CONTO COMO RECURSO PSICOPEDAGÓGICO

Maria Creusa Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107075>

CAPÍTULO 6..... 58

SER (LOUCO) OU NÃO SER: EIS A QUESTÃO

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107076>

CAPÍTULO 7..... 61

BARALHO DO SONO: UM RECURSO PSICOEDUCATIVO PARA PAIS E FILHOS

Camila Espíndula da Silva

Francielle Silva Ferreira Zago

Suélen Rocha Centena Pizarro

Anelise Abascal Pastorini Brião

Giuliana Tort de Oliveira

Lenise Alvares Collares
Stefânia Martins Teixeira Torma
Suzana Catanio dos Santos Nardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107077>

CAPÍTULO 8..... 74

A EDUCAÇÃO E A PROFISSIONALIZAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM PERIFERIAS URBANAS

Aida Guerreiro de Oliveira
Edicléa Mascarenhas Fernandes
Elizabeth Rodrigues de Oliveira Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107078>

CAPÍTULO 9..... 86

DESEMPENHO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO EM TAREFAS DE FUNÇÃO MANUAL, LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Larissa Soares Silva
Stefanie Pischel
Andressa Gouveia de Faria Saad
Silvana Maria Blascovi-Assis
Cibelle Albuquerque de La Higuera Amato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107079>

CAPÍTULO 10..... 102

O TRANSTORNO DE DEFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: CONCEITUAÇÃO E BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Danielly Berneck Côas Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070710>

CAPÍTULO 11..... 115

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA DEMOCRÁTICA

Amanda Luiza Weiler Pasini
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070711>

CAPÍTULO 12..... 123

O RELACIONAMENTO ENTRE FILHOS E PAIS/CUIDADORES É O INGREDIENTE ESSENCIAL E ATIVO

Lucena Albino Muianga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070712>

CAPÍTULO 13..... 137

AS CONTRIBUIÇÕES DA INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DA ESCOLA PÚBLICA: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Marileudi Moreira Garcia
Yloma Fernanda de Oliveira Rocha

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070713>

CAPÍTULO 14..... 150

O QUE PODE O CORPO FEMININO EM SUAS MÚLTIPLAS POTENCIALIDADES?

Lígia Christine Pereira Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070714>

CAPÍTULO 15..... 161

ECONOMIA SOLIDÁRIA, TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO e PROTAGONISMO FEMININO: (SOBRE)VIVÊNCIAS E DESIGUALDADES

Ana Beatriz Trindade de Melo

Carlúcia Maria Silva

Gilberto Braga Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070715>

CAPÍTULO 16..... 174

IMPASSES NA EFETIVAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA

Andressa de Lima Pinheiro

David Marconi Polônio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070716>

CAPÍTULO 17..... 185

PSICOLOGIA POSITIVA: POTENCIALIDADES HUMANAS EM SUJEITOS TRANSEXUAIS

Guilherme Faquim Simão

Maria Jaqueline Coelho Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070717>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 201

ÍNDICE REMISSIVO..... 202

PSICOLOGIA POSITIVA: POTENCIALIDADES HUMANAS EM SUJEITOS TRANSEXUAIS

Data de aceite: 01/07/2021

Data de submissão: 06/05/2021

Guilherme Faquim Simão

Universidade Federal do Triângulo Mineiro –
Programa de Pós-Graduação em Educação
Uberaba, M.G
<http://lattes.cnpq.br/9985662434152554>

Maria Jaqueline Coelho Pinto

Faculdade de Medicina de São José do Rio
Preto – Departamento de Psicologia. São José
do Rio Preto, S.P
<http://lattes.cnpq.br/4505097839181107>

RESUMO: A transexualidade pode ser definida como uma não concordância entre o sexo biológico e o gênero pelo qual a pessoa gostaria de ser reconhecida socialmente, e que ainda apresenta, em diferentes níveis, um discurso patologizante da expressão de sua subjetividade. A Psicologia Positiva foi escolhida como arcabouço teórico para compreender as virtuosidades desses indivíduos, pois oferta um espaço para investigação de aspectos virtuosos e de aplicação/avaliação de instrumentos que prezam pelo bem-estar e potencialidades existentes em todos os sujeitos. Colaboraram com a pesquisa oito pessoas transexuais. Objetivou-se com este estudo avaliar os níveis de satisfação de vida, afetos, autoestima, autoeficácia, otimismo e esperança de sujeitos transexuais, através de entrevista e instrumentos de avaliação/investigação. Os

resultados das escalas indicaram que a maioria dos transexuais apresentou em seus atributos psicológicos resultados na média ou acima da média, quando comparados aos sujeitos avaliados para normatização dos instrumentos. Os colaboradores apresentaram diversos fatores virtuosos e saudáveis, mostrando-se em geral esperançosos, perseverantes e otimistas. Entretanto, novas pesquisas com um número maior de participantes devem ser realizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Transexualidade; Autoestima; Psicologia Positiva; Otimismo.

POSITIVE PSYCHOLOGY: HUMAN POTENTIALITIES ON TRANSEXUAL SUBJECTS

ABSTRACT: Transsexuality can be defined as a non-agreement between biological sex and the gender by which the person would like to be socially recognized, and which still presents, at different levels, a pathologizing discourse of the expression of his subjectivity. Positive Psychology was chosen as a theoretical framework to understand the virtues of these individuals, as it offers a space for the investigation of virtuous aspects and for the application / evaluation of instruments that value the well-being and potential existing in all subjects. Eight transsexual people collaborated with the research. The objective of this study was to evaluate the levels of life satisfaction, affections, self-esteem, self-efficacy, optimism and hope of transsexual subjects, through interviews and assessment / investigation instruments. The results of the scales indicated that the majority of transsexuals presented results in their psychological attributes that were

average or above average, when compared to the subjects evaluated for standardization of the instruments. The collaborators presented several virtuous and healthy factors, being generally hopeful, persevering and optimistic. However, further research with a larger number of participants must be carried out.

KEYWORDS: Transsexuality; Self-esteem; Positive Psychology; Optimism.

INTRODUÇÃO

Diante da pluralidade de manifestações da sexualidade observadas na contemporaneidade, a transexualidade se configura como uma das diferentes formas de subjetivação nas quais a pessoa gostaria de ser reconhecida (ARÁN, 2006; SIMÃO; PINTO, 2018), e que compreende questões relativas à identidade de gênero, termo este que será explicitado ao longo do artigo.

A transexualidade não é um fenômeno recente, embora venha adquirindo, cada vez mais, visibilidade social. As questões que abarcam essa problemática datam de tempos antigos e aparecem em diversas passagens e em diferentes contextos e civilizações. Há relatos de personagens que se travestiam e que, inclusive, diziam pertencer ao sexo oposto desde a mitologia grega (CECARELLI, 2008). Verifica-se que a questão sobre a transexualidade não é algo contemporâneo, embora venha adquirindo maior visibilidade atualmente.

Enquanto objeto de investigação científica, a concepção de transexualidade foi engendrada no século XX, com os trabalhos pioneiros de Harry Benjamin e John Money, e constantemente passa por reformulações e adaptações, na tentativa de explicar e compreender tal forma de expressão da subjetividade, a medicina e, posteriormente, a psiquiatria passaram a se interessar, além das possibilidades de mudança biológicas e da criação de uma expressão sociocultural do que significa ser uma pessoa transexual (CASTEL, 2001; CECARELLI, 2008).

Historicamente, apresenta-se uma ideia de patologização da diversidade sexual e de gênero. Muitas práticas clínicas em psicologia, incluindo a avaliação psicológica, se baseiam em manuais médicos de transtornos mentais, como a CID (Classificação Internacional de Doenças) e o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o que ainda fundamenta as justificativas para a realização de práticas patologizantes (GASPODINI; FALCKE, 2018; PINTO; BRUNS; ZERBINATI, 2020).

Assim, ativistas de vários países lançaram uma campanha pela despatologização trans no mundo para a sua retirada do rol de transtornos mentais. No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), junto aos Conselhos Regionais de Psicologia (CRP), se posicionou em prol dessa campanha pela despatologização das identidades trans, que contou com a cooperação de psicólogos, pesquisadores, militantes, transexuais e travestis, no combate ao preconceito e segregação. Em nota, o CFP sinalizou que não reconhecia as identidades transexuais, travestis e transgêneras como patologia, vedando assim qualquer

prática que estivesse inclinada à cura, reversão e normalização dessas identidades de gênero (CFP, 2016)

Dessa maneira, a Psicologia Positiva surge como uma interessante opção para compreensão das virtuosidades humanas em sujeitos transexuais, já que prima pelo bem-estar e reconhecimento de potencialidades já existentes.

O presente artigo é fruto de um recorte de uma pesquisa quanti-qualitativa de mestrado, em que para a análise foi adotada como método a fenomenologia como arcabouço teórico no viés qualitativo. Para Amatuzzi (2003) a fenomenologia não lida com sujeitos apenas como fornecedores de informações, mas com indivíduos que contribuem de forma significativa com o que pretende ser estudado/compreendido. Por partilhar de mesma linha de pensamento do supracitado autor, os participantes continuarão a ser chamados de colaboradores, mesmo se tratando do recorte quantitativo da pesquisa e que serão adotados instrumentos provenientes da Psicologia Positiva. Sendo assim, tem-se por objetivo avaliar os níveis de satisfação de vida, afetos, autoestima, autoeficácia, otimismo e esperança de pessoas transexuais atendidas pelo Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais de São José do Rio Preto.

Em relação à questão ética que envolve a pesquisa com seres humanos, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da faculdade com o parecer número 1.470.061 em março de 2016. Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

TRANSEXUALIDADE E A CONTEMPORANEIDADE

O cenário contemporâneo é marcado por intensas transformações, avanços tecnológicos e modificações profundas, que respingam em toda a sociedade, e que afetariam, inclusive, a própria identidade desse sujeito pós-moderno (SOARES-AGRELLI; BRUNS, 2012; SIMÃO; PINTO, 2018).

Tal fluidez de pensamento é também assinalada por Bauman (2007), ao retratar a sociedade como líquida e volúvel, demarcada pela agilidade, a transitoriedade e o imediatismo. Sugere a metáfora “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, caracterizam-se por sua incapacidade de manter a forma. Evidencia as fragilidades dos laços humanos e a confusão de sinais, valores e identidades na atualidade. Para o autor, a vida líquida é precária, vivida com incertezas e com medo de não acompanhar o ritmo frenético de mudanças e transformações.

Ainda é muito comum restringir o gênero à ordem sexual (características biológicas – macho ou fêmea), e que o gênero seria uma construção social que perpassa somente à ordem homem/mulher (masculino/feminino). Entretanto, ao instituir o modelo normativo e binário de constituição do sujeito e da sociedade, todas as outras formas de subjetivação que transitam entre os gêneros são excluídas, marginalizadas e estigmatizadas, reiterando

ainda mais os processos persecutórios e preconceituosos vigentes (BENTO, 2006; PORCHAT, 2014; SIMÃO & PINTO, 2018).

A fim de tornar mais fácil a compreensão das variadas formas de subjetivação que abarcam as identidades, alguns conceitos serão explicitados à seguir, sendo eles: *expressão de gênero* – modo pela qual a pessoa se apresenta e expressa seu comportamento dentro de um determinado gênero; *identidade de gênero* – gênero pelo qual a pessoa se identifica subjetivamente independente do sexo biológico (atribuído ao nascimento); *orientação sexual* – atração afetivo-sexual de uma pessoa por outra, do gênero oposto, do mesmo gênero ou por pessoas do seu gênero e do gênero oposto ao seu (respectivamente - heterossexual, homossexual ou bissexual), e, por fim, *papel de gênero* – modo de agir e se comportar, de acordo com o gênero atribuído, e construído socialmente (JESUS, 2012).

O termo *transgênero* é considerado um “*conceito guarda-chuva*, que abrange um grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus distintos, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi designado ao nascer” (JESUS, 2012, p.14). Dentre aqueles que abrangem as identidades transgêneras, encontram-se os transexuais, as travestis e outras expressões da sexualidade que transitam entre os gêneros (não-binários) (SIMÃO; PINTO, 2018).

A transexualidade pode ser caracterizada como: não concordância entre o sexo/corpo biológico e o gênero pelo qual a pessoa gostaria de ser reconhecida socialmente (ÁRAN, 2006; ELIAS, 2007). A pessoa trans se apresenta a partir da descrição de um sentimento de não pertencimento ao sexo anatômico designado socialmente ao nascer, sem que isto implique em uma negação da sua anatomia sexual ou das intervenções corporais que pode vir a realizar; e que o sentimento de incompatibilidade entre sexo biológico e gênero também não se configure como um distúrbio delirante, que não tenha bases orgânicas (intersexuais), ou configure outros distúrbios endócrinos (AMARAL, 2011; CASTEL, 2001; SIMÃO; PINTO, 2018).

Segundo a Associação Americana de Psicologia (APA, 2014), a estimativa é que a prevalência para indivíduos do sexo masculino varie de 0,005% a 0,0014%, e para indivíduos do sexo feminino de 0,002% a 0,003%. Essa estimativa provavelmente está subestimada, já que nem todos os sujeitos transexuais, seja por hormonização ou mesmo pela cirurgia de redesignação, passam por clínicas especializadas, o que dificulta a coleta de informações demográficas e a precisão da prevalência.

No Brasil, estima-se que a proporção seja de 1 transexual masculino para cada 40.000 homens e de 1 transexual feminina para cada 80.000 mulheres. Segundo Abdo (2014), faltam estudos epidemiológicos que confirmem esses números estimados, e que mais pesquisas deveriam ser realizadas a fim de confirmá-los, já que muitos casos acabam sendo subnotificados.

PSICOLOGIA POSITIVA

A Psicologia Positiva surge em 1998, quando o psicólogo Martin Seligman assume o posto de presidente da APA, e evidencia uma triste e cruel realidade sobre a psicologia: só os aspectos *anormais* e *patológicos* eram estudados, deixando brechas em relação aos aspectos positivos e virtuosos humanos, como a felicidade, coragem, esperança, dentre outras virtuosidades (PACICO; BASTIANELLO, 2014; PALUDO; KOLLER, 2007; SELIGMAN, 2010).

Alguns estudiosos anuem que a Psicologia Positiva tenha derivado do Humanismo, teoria psicológica criada por Abraham Maslow e Carl Rogers, que carecia de rigor metodológico e apresentava inconsistência dos resultados, o que levou a um significativo enfraquecimento e distanciamento da área de pesquisa científica. Não se propõem aqui discutir os pontos comuns e discordantes de tais abordagens, mas somente elucidar o leitor que ambas as teorias acreditam em potencialidades inatas e passíveis de serem aperfeiçoadas.

O campo da Psicologia Positiva tem oferecido, a partir de métodos científicos rigorosos, um espaço para investigação de aspectos virtuosos dos indivíduos. Segundo Seligman (2010), existem três relevantes pilares para construir uma investigação nesta referida perspectiva: o primeiro pilar é o da Experiência subjetiva – que são sentimentos direcionados ao presente e futuro sobre bem-estar e experiências do passado, emoções, otimismo, esperança, entre outros. O segundo o das Características individuais – que são focados em relação ao afeto, perdão, talento, espiritualidade. E o terceiro o das Instituições e comunidades – que se investiga o poder das intuições em moldar o indivíduo e as virtudes cívicas, com foco na responsabilidade, altruísmo, tolerância e ética.

Além do mais, uma das principais contribuições da Psicologia Positiva é a construção de instrumentos de aplicação e avaliação que criam métodos de intervenção antecedentes às patologias, por meio do conhecimento de fatores de proteção e classificação de virtudes e potencialidades humanas inatas (PACICO; BASTIANELLO, 2014; PALUDO; KOLLER, 2007; SELIGMAN, 2010).

Tal proposta surge na contramão do DSM e Classificação Internacional de Doenças (CID-10), quando se propõe a avaliar e identificar fatores saudáveis e virtuosos, ao invés de priorizar somente a doença ou transtorno. Dessa forma, uma visão mais integralizada e humana é construída acerca dos indivíduos, levando-os a se perceberem também de uma maneira mais integrada (PALUDO; KOLLER, 2007).

Dentre os vários constructos já elaborados e validados no Brasil, elencaram-se sete diferentes escalas para mensurar os sentimentos, emoções e comportamentos encontrados nos sujeitos transexuais participantes da pesquisa, e que serão melhor definidos abaixo.

A *satisfação de vida*: é um construto altamente subjetivo, compreende-se o componente cognitivo que leva o indivíduo a refletir sobre sua vida de modo geral, levando-

se em consideração tanto aspectos positivos quanto negativos. Geralmente eventos marcantes são lembrados apesar do tempo ocorrido, apresentando características estáveis e que mudam de pessoa para pessoa. A personalidade também é de suma importância para determinar como esse grau de satisfação de vida será apontado e quais memórias serão evocadas (LUCAS; DIENER, 2010; HUTZ; ZANON; BARDAGI, 2014).

Esse juízo sobre o quanto o indivíduo está satisfeito ou não com sua vida, depende de alguns fatores que o afetam diretamente, sendo eles: o humor, eventos acontecidos, pensamentos e situações vivenciadas no momento. Pessoas com altos níveis de ansiedade, depressão e instabilidade tendem a avaliar o mundo de forma mais negativa. Em compensação, pessoas sociáveis, comunicativas e extrovertidas, tendem a observar o mundo com um olhar mais positivo e, conseqüentemente, apresentam um maior nível de satisfação de vida (LUCAS; DIENER, 2010).

Os *afetos* vivenciados pelas pessoas foram também objetos de estudo da Psicologia Positiva. Definem-se afetos positivos (AP) e afetos negativos (AN), como: intensidade e frequência que são vivenciados sentimentos positivos e negativos, levando-se em conta qual o número de vezes que tais emoções são sentidas e o grau de magnitude. Entretanto, de acordo com Liubomirsky, King e Diener (2005, apud ZANON; DELLAZANA-ZANON; HUTZ, 2014), a frequência seria muito mais relevante do que a intensidade. Vivenciar um acontecimento muito ruim, como a morte de um ente querido, e um muito bom, como ganhar na loteria ou receber uma promoção no trabalho, seria menos significativo que viver repetidas vezes emoções prazerosas ou não.

Indivíduos que apresentam repetidas vezes sentimentos aversivos, como tristeza, ódio e solidão, caracterizam-se por manifestarem altos níveis de afetos negativos. Em sentido oposto, indivíduos que vivenciam sentimentos positivos como prazer, orgulho, alegria ou outras emoções de cunho positivo, manifestam elevados índices de afetos positivos. A junção de afetos positivos e negativos, somada ao nível de satisfação de vida, resulta no chamado *Bem-Estar Subjetivo* (BES) (LUCAS; DIENER, 2010).

Define-se *autoestima* como um aspecto avaliativo de autoconceito, composta por pensamentos e sentimentos autodirecionados, que se divide em orientação positiva (autoaprovação) ou negativa (autodepreciação) (HUTZ; ZANON; VAZQUEZ, 2014). A autoestima tem sido correlacionada quando negativa com a depressão, e positiva quando atrelada a indicadores que demonstram ajustamento emocional e utilização de estratégias de enfrentamento pertinentes.

O *otimismo* pode ser entendido com disposicional quando é caracterizado por expectativas positivas acerca do futuro, de modo geral. Por conseguinte, indivíduos otimistas são pessoas que esperam boas coisas e se mobilizam para alcançarem seus objetivos, enquanto os pessimistas são aqueles que aguardam por coisas ruins, desistem mais facilmente de seus planos e, conseqüentemente, esforçam-se menos para atingi-los (BASTIANELLO; PACICO, 2014; CARVER; SCHEIER; SEGERSTROM, 2010).

O primeiro teste produzido para medir o otimismo foi intitulado *Life Orientation Test* (LOT), que incluía expectativas boas e ruins relacionadas ao futuro. Entretanto, após sucessivas pesquisas apontarem para inconsistências em seus resultados, os autores Scheier e Carver (1985, apud BASTIANELLO; PACICO, 2014), revisaram seu instrumento e retiraram os itens que não focavam especificamente em expectativas em relação ao futuro. Assim surgiu o *Revised Life Orientation* (1994) ou LOT-R, que apresentava itens mais correlacionados entre si e que não apresentavam coincidências construcionais com outros testes.

Para Pacico e Bastianello (2014), a *esperança* é definida como: cognições inclinadas a se obter uma meta, composta por rotas e agenciamentos. O agenciamento seria a motivação pela qual o sujeito persegue esse objetivo, e as rotas, os meios e trajetos pensados para se alcançar tais objetivos. A esperança disposicional avalia a esperança enquanto traço de personalidade, objetivando mensurar a confiança de forma geral na pessoa, em relação a metas e sua determinação para alcançá-las, e de como contornar as adversidades (HUTZ; BANDEIRA; TRENTINI, 2015).

Por fim, faz-se importante discorrer sobre a autoeficácia e sua significância enquanto atributo humano. Albert Bandura escreveu diversos artigos sobre a autoeficácia e se tornou um dos principais expoentes quando se trata dessa temática. Em 1977, Bandura escreveu o artigo *Self-efficacy: Toward a Unifying Theory of Behavioral Change*, que definia a autoeficácia enquanto crença na capacidade de realizar uma tarefa, ancorado em recursos próprios. Posto isto, a crença seria um mecanismo regulador de ações que influenciariam diretamente no estabelecimento de objetivos, na execução de formas de alcançá-los e no direcionamento da decisão (PACICO; FERRAZ; HUTZ, 2014).

A *autoeficácia* possui dois elementos fundamentais: expectativas de resultado e de eficácia. O primeiro componente está ligado ao que o sujeito faz ao traçar um objetivo e como alcançá-lo. Já o segundo elemento faz uma avaliação da possibilidade de executar as ações necessárias para atingir esse mesmo objetivo (PACICO; FERRAZ; HUTZ, 2014). O intuito desse instrumento é mensurar o quanto o sujeito acredita em sua própria potencialidade, para perseguir seus objetivos e buscar resultados por ele desejados.

PERCURSO METODOLÓGICO

Colaboraram com a pesquisa 8 transexuais, 4 homens trans e 4 mulheres trans, atendidos no Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais. Foram incluídos na pesquisa transexuais que aceitassem colaborar com a pesquisa. Foram excluídos aqueles com limitações que impedissem sua participação no estudo ou que não aceitassem colaborar.

O acesso aos colaboradores se deu através da psicóloga do Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais que foi contactada para apresentação da

pesquisa. Com a devida permissão, foi agendada a participação do pesquisador nos encontros terapêuticos do grupo. Em um dos encontros, o pesquisador pode convidá-los a participarem da pesquisa e explicar como se daria a mesma, sinalizando que os nomes dos colaboradores seriam mantidos em sigilo, assinariam o TCLE, e que por se tratar de uma pesquisa quanti-qualitativa, seria realizada uma entrevista e posterior aplicação de instrumentos.

Para coleta dos dados foi utilizado um Questionário sociodemográfico, criado pelos próprios pesquisadores com dados referentes à idade, profissão, escolaridade, estado civil, religião, cor e renda mensal, e as seguintes escalas validadas no Brasil:

- Escala de Satisfação de Vida (ESV) – escala validada no Brasil de autorrelato composta de 5 itens que avaliam o nível de satisfação dos sujeitos com suas condições de vida. A chave de respostas é uma escala Likert de 1 a 7, cujas respostas variam de “discordo plenamente” até “concordo plenamente”. Para conhecer o nível de satisfação de vida da pessoa que respondeu ao questionário, devem-se somar todos os itens respondidos, que representa o escore bruto. Quanto mais alto o escore bruto, mais alta é a satisfação de vida do indivíduo (HUTZ; ZANON; BARDAGI, 2014).
- Escala de Afetos Positivos (AP) e Afetos Negativos (AN) – escala validada no Brasil de autorrelato composta de 10 itens que avaliam afetos positivos e 10 itens que avaliam afetos negativos, constituída de uma chave de respostas da escala Likert, indo de 1 “nem um pouco”, até 5 “extremamente”. Para conhecer o nível de AP e NA do indivíduo, devem-se somar todos os itens respondidos de cada escala específica. Quanto mais alto o percentil referente ao escore bruto, maior o AP e o AN do colaborador (ZANON; HUTZ, 2014);
- Escala de Autoestima de Rosenberg – escala validada no Brasil de autorrelato composta de 10 itens que avaliam autoestima, cuja chave de respostas é uma escala Likert de 1 sendo “discordo totalmente”, até 4 “concordo plenamente”. O escore bruto é obtido pela soma dos itens, e interpretado através de uma tabela de normas de acordo com idade e escolaridade (HUTZ; ZANON; VAZQUEZ, 2014).
- Escala de Autoeficácia Geral – escala validada no Brasil de autorrelato composta de 20 itens, divididos em itens positivos e negativos, cuja somatória resulta no escore bruto. Tem por objetivo mensurar quanto o indivíduo acredita em sua capacidade para alcançar os objetivos almejados (PACICO; FERRAZ; HUTZ, 2014);
- Teste para Avaliar Otimismo (LOT-R) – teste validado no Brasil de autorrelato no qual os participantes respondem 10 perguntas utilizando escala Likert, sendo 1 “discordo totalmente” e 5 “concordo plenamente”. É composto de afirmativas sobre otimismo, pessimismo e itens-filtro. O escore bruto é obtido através da somatória dos itens positivos e negativos (BASTIANELLO; PACICO, 2014);
- Escala Esperança Cognitiva escala validada no Brasil composta por duas colu-

nas subdivididas em duas escalas (desejo e expectativa), com escore calculado por meio de multiplicação dos valores indicados, a fim de fornecer o escore global de esperança (BASTIANELLO; PACICO, 2014);

- Escala Esperança Disposicional – escala validada no Brasil, composta de 12 perguntas, cuja chave de respostas é dada através da escala Likert, sendo 1 “totalmente falsa” e 5 “totalmente verdadeira”. O cálculo é feito utilizando itens específicos e ignorando os itens distratores (BASTIANELLO; PACICO, 2014).

PERFIL DOS COLABORADORES

Apresenta-se o perfil sociodemográfico dos 8 colaboradores, mulheres e homens transexuais. Utilizou-se de pseudônimos para preservar suas identidades e o gênero com o qual se identificam, cujas características serão apresentadas a seguir.

A idade variou de 19 a 41 anos com média de 23 anos ($\pm 8,73$). Dos 8 entrevistados, 4 estavam desempregados; 7 possuíam o Ensino Médio completo; 4 estavam solteiros. Em relação à religião, 2 disseram ser católicos, 2 espíritas, 2 evangélicos, 1 judia e 1 sem religião. No que tange à classe econômica (número de salários-mínimos), 4 transexuais afirmaram ter renda de 2 salários-mínimos, 2 afirmaram de 3 salários-mínimos, 1 relatou renda superior a 4 salários-mínimos e 1 não quis se manifestar sobre a questão econômica; por fim, dos 8 entrevistados, 7 se declararam branco e 1 se declarou pardo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao analisar a classificação do nível de satisfação de vida, observou-se que 87,5% ($n=7$) dos colaboradores estavam acima da média fornecida pelos autores do instrumento aplicado, e somente um colaborador estava abaixo da média do escore bruto. Esse colaborador em questão, relatou durante a entrevista que foi utilizada como base para o recorte qualitativo da pesquisa e que gerou o artigo: “Vivências de transexuais: similaridades e singularidades”, citado nas referências. Esse colaborador em questão estava sendo acompanhado por um médico psiquiatra, pois passava por um quadro depressivo devido à recente separação, o que possivelmente refletiu em sua análise sobre satisfação de vida. Lucas e Diener (2010) apontam que situações marcantes na vida de uma pessoa afetam diretamente sua percepção de mundo e de vida, o que poderia ter influenciado em suas respostas neste instrumento.

A satisfação com a vida abarca o processo de julgamento das condições de vida em geral, sendo que, tal processo de avaliação somente é viabilizado de acordo com o julgamento dos índices de satisfação com a vida realizado por meio de comparações das condições de vida ideais, estabelecidas pelo próprio indivíduo, e com suas reais condições de vida (PEREIRA; FREITAS; SOUSA, 2019). Dessa forma, é possível inferir que a maioria

dos indivíduos avaliados estavam com condições ideais de vida bem similares aos níveis de condições reais vivenciados por eles.

Em relação à análise do instrumento de afetos positivos (AP), observou-se que somente um colaborador estava abaixo da média do escore apontada pelos autores. Visto que, o mesmo colaborador, obteve um escore abaixo da média encontrada na escala de satisfação de vida, não seria surpresa um resultado também abaixo, quando analisada sua dimensão de afetos positivos. Pessoas com altos níveis de neuroticismo tendem a ver o mundo de forma mais ameaçadora e interpretar os fatos de forma mais pessimista, logo, seus afetos positivos seriam menores (LUCAS; DIENER, 2010).

Quando os índices de AP encontram-se altos, há uma tendência de que os indivíduos tenham um maior engajamento positivo com atividades e o contexto em que a pessoa está inserida, e se relacione com uma maior facilidade com sentimentos positivos; em contrapartida, quando esses índices encontram-se baixos, há uma forte propensão ao desânimo e à letargia, o que não foi potencialmente sentido durante a aplicação dos testes na maioria dos colaboradores, que se mostraram bastante entusiasmados para responder aos questionários.

Na escala de afetos negativos (AN) para homens, que possui médias diferentes da escala para mulheres e por isso são separadas pelo gênero, um único colaborador ficou com um escore acima da média fornecida pelos autores. Entretanto, nas demais escalas apresentadas, esse mesmo colaborador não obteve médias discrepantes. Como obteve alto índice tanto nos AP e nos AN, esse colaborador se encaixa ao que Zanon e Hutz (2014) chamam de *emotivos*, que são aqueles sujeitos que apresentam níveis mais elevados de neuroticismo e ruminação, diferente daqueles com baixos índices em ambos os afetos.

Na escala de afetos negativos (AN) para mulheres a mesma colaboradora com índices discrepantes aos demais colaboradores nas outras tabelas já mencionadas, também obteve um escore acima da média assinalada pelos autores. Índices altos de AN acarretam sentimentos desagradáveis como a raiva, medo, desprezo e nervosismo. Em compensação, as outras colaboradoras encontravam-se com índices baixos de AN, o que remete a ideia de serenidade e calma para vivenciar questões desagradáveis em suas vidas, como apontado por Pereira, Freitas e Sousa (2019).

Ao analisar os resultados da Escala de Autoestima de Rosenberg, notou-se que somente um colaborador está abaixo da média de escore apontada pelos autores. Dois entrevistados ficaram na média, junto de outro levemente acima da média. Todos os outros colaboradores se mostraram acima da média.

Geralmente, altos escores de autoestima estão atrelados a humor positivo e eficácia elevada para dimensões importantes na vida da pessoa, o que sugere uma elevada saúde mental, habilidades sociais e um maior bem-estar. Já um índice baixo de autoestima costuma estar associado a humor negativo, incapacidade, depressão e ansiedade social, transtornos de cunho alimentar e até ideação suicida (HUTZ; ZANON; VAZQUEZ, 2014).

Indivíduos que apresentam uma visão positiva do *self* ou um autoconceito elevado, geralmente acreditam viverem em um mundo regido pelo respeito e pela valoração de si. Segundo Hutz, Zanon e Vazquez (2014), a alta autoestima surge também pelo reconhecimento positivo de outras pessoas consideradas importantes pelo sujeito, como pais e professores; a segurança e aceitação do meio social (fatores externos) irão influenciar diretamente no aumento do autoconceito.

Por estarem em um grupo voltado para transexuais e que experienciam muitas situações parecidas, possivelmente essa alta valoração de si estivesse atrelada ao *apoio social*, que pode ser caracterizado como o apoio percebido pelo indivíduo em momentos de dificuldade ou de desafios para que possa evoluir (BAPTISTA, 2017). Segundo o autor, esse apoio social poderia ser observado em um nível micro (relações amorosas, amigos, famílias, grupos sociais/comunitários), e que aqui poderia ser entendido como o grupo terapêutico no ambulatório em questão, e em um nível macro, como as políticas públicas cujos transexuais estão inseridos para serem atendidos pelo SUS.

De acordo com os resultados obtidos no Teste de Avaliação do Otimismo, dois colaboradores estavam abaixo da média do escore encontrada na amostra de normatização da escala. Verificou-se, então, que 75% (n=6) dos colaboradores analisados estavam na média ou acima da média encontrada por Bastianello e Pacico (2014).

O otimismo está proporcionalmente relacionado ao bem-estar psicológico e físico, à satisfação de vida em adultos, menor propensão a desenvolver depressão e ansiedade. Em contrapartida, quando o otimismo é baixo ou inexistente, esse colaborador tem grandes chances de apresentar quadros depressivos, posição passiva frente à vida, problemas de origens diversas, e quase nenhum comportamento de resiliência (BASTIANELLO; HUTZ, 2015). Nota-se, então, que a maioria dos colaboradores estava se sentindo bem fisicamente e psicologicamente naquele período de aplicação do instrumento. Isso poderia ser atribuído ao fato de que todos estavam fazendo uso de hormonização para adequação física, o que acarretaria um maior sentimento de congruência entre o físico e o psíquico, embora a hormonização não seja necessária em vários casos para que se sintam congruentes.

Sara Staats construiu em 1989 a *The Hope Index*, instrumento que avaliava a Esperança Cognitiva, e que poderia ser caracterizada como a interação entre desejos e expectativas. Dentro dessa escala, a autora ainda apontou para a existência de duas outras dimensões da esperança: *autocentrada* e *altruísta*. A primeira se refere a objetivos e desejos relacionados ao próprio sujeito, enquanto a segunda é relacionada a pessoas e fatores externos a ela, como família, amigos, a paz no mundo, entre outros (HUTZ; BANDEIRA; TRENTINI, 2015).

Observa-se que dentre os oito transexuais que responderam ao instrumento Escala de Esperança Disposicional, somente um colaborador estava abaixo da média do escore encontrados pelos autores Pacico e Bastianello (2014). Isso significa que 87,5% (n=7) dos entrevistados estavam acima ou bem acima da média apontada. Indica, então, que a

maioria dos colaboradores conseguiam pensar em rotas (estratégias) para suas vidas e em meios para concretizá-las, tornando-se, assim, sujeitos esperançosos.

Assim, como foi sinalizado por Pacico e Bastianello (2014), acerca da diferença de resultados encontrados em relação ao gênero nos escores de esperança cognitiva autocentrada em adultos, nesta pesquisa, também serão feitas as análises de forma separada.

Em relação à Escala de Esperança Cognitiva – Autocentrada em Mulheres, percebeu-se que somente um colaborador estava abaixo da média. Esse colaborador, como relatado em resultados supracitados, sinalizou estar passando por depressão durante o período de aplicação dos instrumentos. Dessa forma, por se tratar de uma esperança voltada para si e que está atrelada à forma como a pessoa vê seu futuro, seria muito provável que o escore de esperança cognitiva estivesse baixo. Esse resultado corrobora com os escritos de Cohen, Costa e Ambiel (2019) ao sinalizarem que à medida que há mais esperança há menos presença de sintomas depressivos, visto que a primeira ajuda a atenuar a outra.

Na Escala de Esperança Cognitiva – Autocentrada em Homens, um único colaborador esteve abaixo da média. Em ambas as escalas, 75% (n=3) dos colaboradores estavam acima da média encontrada. Tais resultados demonstram que a maioria dos colaboradores se mostravam esperançosos com si próprios e com planos para o futuro.

Diferentemente da esperança autocentrada, que estaria ligada mais ao próprio sujeito, a esperança altruísta, que é a virtude avaliada na Escala de Esperança Cognitiva (Altruísta), está mais voltada para o meio externo, seja com pessoas ou questões realmente ambientais, como exemplo: acreditar na bondade do mundo, e de que as pessoas normalmente são felizes (HUTZ; BANDEIRA; TRENTINI, 2015). Na análise dos resultados da referida escala, todos os colaboradores tiveram escores altos, o que evidencia uma esperança altruísta acima da média pontuada pelos autores do instrumento. Tais resultados poderiam estar associados ao fato de os colaboradores sentirem apoio no grupo de psicoterapia em que estavam inseridos, e que se sentiam reconhecidos e atendidos, pelo menos em parte, em suas necessidades físicas e psicológicas dentro do ambulatório.

Por fim, serão analisados os resultados referentes ao instrumento para avaliar Autoeficácia Geral, que também é dividido por gênero. O intuito desse instrumento é mensurar o quanto o sujeito acredita em sua própria potencialidade para perseguir seus objetivos e buscar resultados por ele desejados. Notou-se que os resultados obtidos entre homens e mulheres transsexuais não foram discrepantes. Todos os colaboradores estavam na média ou acima da média em relação aos resultados encontrados pelos autores na normatização do instrumento.

Dessa forma, um indivíduo que é frequentemente exitoso ao atingir suas metas, tem sua autoeficácia fortalecida. No entanto, o indivíduo que apresenta resultados negativos torna-se enfraquecido, logo, sua autoeficácia é também reduzida (PACICO; FERRAZ; HUTZ, 2014).

Considerando os resultados obtidos no instrumento de autoeficácia, avalia-se que esses sujeitos transexuais se sentem, em sua maioria, autoconfiantes, possuem iniciativa e empenham o esforço necessário para driblar as adversidades e conseguem seus objetivos. As dificuldades enfrentadas são interpretadas como desafios e vivências novas se tornam estimulantes. Ao passo que, indivíduos que possuem índices baixos na autoeficácia tendem a desistir rapidamente e fracassar na execução de meios para atingir suas metas. Geralmente, sentem-se mais desamparados e incapazes de controlar as situações inesperadas. Por se julgarem inaptos em resolver pendências, acabam não persistindo em novas soluções, pois o resultado, de acordo com sua concepção, será o mesmo: fracasso (PACICO; FERRAZ; HUTZ, 2014).

CONCLUSÃO

Verificou-se que a maioria dos sujeitos transexuais que respondeu às escalas, estava na média ou acima da média nos atributos investigados, em comparação aos sujeitos utilizados para normatização das tabelas. A exceção seria uma mulher trans que, em decorrência de uma recente separação, vem enfrentando um quadro depressivo e sintomas de ansiedade, o que corrobora com a literatura sobre seus resultados abaixo do esperado nos instrumentos aplicados. Esse acontecimento marcante influenciaria na tomada de decisão em suas respostas, fazendo com que grande parte de seus escores e percentis tenham sido divergentes em relação aos demais colaboradores.

Evidenciou-se através dos escores elevados obtidos nas escalas de Satisfação de Vida, Escala de Afetos Positivos e de Afetos Negativos, Escala de Autoestima de Rosenberg, Escala de Autoeficácia Geral, Teste para Avaliar o Otimismo, Escala de Esperança Cognitiva e Escala de Esperança Disposicional, que os fenômenos psicológicos e aspectos virtuosos do ser humano, como autoestima, esperança, otimismo, autoeficácia, dentre outros, estavam presentes na vida de grande parte desses sujeitos.

Os colaboradores apresentaram diversos fatores virtuosos e saudáveis, mostrando-se em geral esperançosos, perseverantes e otimistas com suas vidas. Estes dados mostram-se significativos, já que muitas das pesquisas infelizmente focam em aspectos biologizantes, patológicos ou reducionistas da transexualidade, deixando de lado os aspectos positivos.

Há uma escassez da literatura, de estudos que relacionam os construtos de interesse com pessoas transexuais. Todavia, algumas limitações devem ser apontadas para estudos posteriores, que seria o número baixo de participantes na pesquisa, e a seleção dos participantes ter sido realizada em um ambulatório de saúde de travestis e transexuais, o que poderia resultar em um viés de seleção. Dessa forma, novas pesquisas com uma amostra maior de participantes devem ser realizadas, já que tal temática ainda carece de mais pesquisas específicas e uma maior atenção.

REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita; AFIF-ABDO, João; RAMADAM, Zacaria Borge Ali. **Sexualidade humana e seus transtornos**. [S.l.: s.n.], 2014.

AMARAL, Daniela Murta. 2011. **Os desafios da despatologização da transexualidade: Reflexões sobre a assistência a transexuais no Brasil**. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

AMATUZZI, Mauro Martins. (2003). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, Maria A. Toledo; HOLANDA, A. F. (orgs.), **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2003. p. 17-25.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-IV**. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: ARTMED, 2002, 4a. ed.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-V**. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: ARTMED, 2014, 1a. ed.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, Jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Mai. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100004>.

BAPTISTA, Gustavo Tassis. **Bem-estar de pessoas transsexuais: a contribuição da psicologia positiva**. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

BASTIANELLO, Micheline Roat; HUTZ, Claudio Simon. Do Otimismo Explicativo ao Disposicional: a Perspectiva da Psicologia Positiva. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 2, p. 237-247, Ago. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000200237&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Mai 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200205>.

BASTIANELLO, Micheline Roat; PACICO, Juliana Cerentini. Otimismo. In: HUTZ, Claudio Simon (Ed.), **Avaliação em psicologia positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 95-100.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo. **Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CARVER, Charles S., SCHEIER, Michael F., SEGERSTROM, Suzanne C. Optimism. **Clinical Psychology Review**, v.30, p. 879-889. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4161121/>. Acesso em 03 mai. 2021. doi:10.1016/j.cpr.2010.01.006

CASTEL, Pierri-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do 'fenômeno transexual' (1910-1995). **Revista Brasileira de História**, São Paulo: Associação Nacional de História ANPUH, v. 21, nº 41, p. 77-11, 2001.

CECCARELLI, Paulo. R. *Transexualismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

COHEN, Emilly Barbosa; COSTA, Ariela Raissa Lima; AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo. Relação entre Sintomas Depressivos e Esperança Cognitiva em Universitários. **Rev. Psicol. IMED**, Passo Fundo, v. 11, n. 2, p. 3-14, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272019000200002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 05 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i2.2678>

ELIAS, Valéria de Araújo. Para além do que se vê: das transexualidades às singularidades na busca pela alteração corporal. 2007. 298 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97697>>.

GASPODINI, Ícaro B.; FALCKE, D. Diversidade sexual e de gênero na prática clínica em psicologia. IN: GORAYEB, R., MIYAZAKI, Maria C.; TEODORO, M. (Orgs.). **PROPSICO** - Programa De Atualização Em Psicologia Clínica E Da Saúde. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2018. p. 83-110.

HUTZ, Cláudio. S.; BANDEIRA, Denise R.; TRENTINI, Clarissa M. **Psicometria**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

HUTZ, Claudio S.; ZANON, Cristian; BARDAGI, Marucia P. (2014). Satisfação de vida. Avaliação em psicologia positiva. In: HUTZ, Claudio Simon (Ed.), **Avaliação em psicologia positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 42-47.

HUTZ, Claudio S., ZANON, Cristian; VAZQUEZ, Ana C. Souza. (2014). Escala de autoestima de Rosenberg. In: HUTZ, Claudio Simon (Ed.), **Avaliação em psicologia positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 85-94.

JESUS, Jaqueline G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Sertão, 2012.

LUCAS, R. E.; DIENER, E. Personality and subjective well-being. IN: JHON, O. P.; ROBINS; R. W.; PERVIN; L. A. (Orgs), **Handbook of personality**. New York: The Guilford Press, 2010. p. 795-814.

PACICO, Juliana C.; BASTIANELLO, Micheline R. Instrumentos para avaliação da esperança: escala de esperança disposicional e escala de esperança cognitiva. In: HUTZ, Claudio Simon (Ed.), **Avaliação em psicologia positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 101-110.

PACICO, Juliana C., FERRAZ, S. B.; HUTZ, Claudio S. (2014). Autoeficácia – yes, we can!. In: C. S. Hutz (Eds.), **Avaliação em psicologia positiva**. In: HUTZ, Claudio Simon (Ed.), **Avaliação em psicologia positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 111-119.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 9-20, Abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Mai 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100002>

PEREIRA, A. S., FREITAS, C. P. P. DE., & SOUSA, D. A. Psicologia positiva e clínica psicológica. IN: GORAYEB, R., MIYAZAKI, Maria C.; TEODORO, M. (Orgs.). **PROPSICO** - Programa De Atualização Em Psicologia Clínica E Da Saúde: Ciclo 3. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2019. p. 113-167.

PINTO, Maria Jaqueline C.; BRUNS, Maria Alves T.; ZERBINATI, João. P. Atenção à saúde da pessoa trans: compreendendo vivências e construindo o cuidado. IN: GORAYEB, R., MIYAZAKI, Maria C.; TEODORO, M. (Orgs.). **PROPSICO** - Programa De Atualização Em Psicologia Clínica E Da Saúde. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2020. p. 73-104.

PORCHAT, Patricia. (2014). **Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler**. Curitiba: Juruá, 2014.

SELIGMAN, Martin E. P. **Felicidade Autêntica**. Rio de Janeiro: Ponto de Leitura, 2010.

SIMÃO, Guilherme F; PINTO, Maria J. C. Vivências de transexuais: Similaridades e singularidades. IN: SOUZA-LEITE, C. R. V.; BRUNS, Maria. A. de T. (Orgs.). **Gênero e Sexualidade: entrelaçamentos educacionais e suas diversidades culturais**. Curitiba: CRV, 2019. p. 119-144. doi: 10.24824/9788544427347.

SOARES AGRELI, Milene; ALVES DE TOLEDO BRUNS, María. Dialogando con estudios acerca de las vivencias afectivo-sexuales de las parejas de transexuales. **liber.**, Lima, v. 18, n. 2, p. 125-129, jul. 2012. Disponível em <http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272012000200003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 3 de Mai 2021.

ZANON, Cristian; DELLAZZANA-ZANON, Leticia L.; HUTZ, Claudio S. Afetos positivos e negativos: definições, avaliações e suas implicações para intervenções. In: HUTZ, Claudio Simon (Org.). **Avaliação em psicologia positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p.49-61.

ZANON, Cristian; HUTZ, Cláudio S. Escala de afetos positivos e afetos negativos (PANAS). IN: HUTZ, Claudio Simon (Org.). **Avaliação em psicologia positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 63-67.

SOBRE O ORGANIZADOR

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA - Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2011), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2016) e graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás (2019). Especializou-se em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (2012), História e narrativas Audiovisuais pela Universidade Federal de Goiás (2016), Psicopedagogia e Educação Especial, Arteterapia, Psicanálise pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Alto Paranaíba (2020). Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2015). É doutorando em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor da Prefeitura Municipal de Goiânia, pesquisador da Universidade Federal de Goiás e psicólogo clínico - ênfase na Clínica Psicanalítica. Pesquisa nas áreas de psicologia, educação e teatro e nas interfaces fronteiriças entre essas áreas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: inconsciente, arte, teatro, arteterapia e desenvolvimento humano.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 66, 72, 102, 104

Antifeminismo 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Aprendizagem 41, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 63, 64, 65, 67, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 85, 90, 113, 119, 122, 125, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 147, 149

Autoestima 49, 51, 64, 80, 169, 185, 187, 190, 192, 194, 195, 197, 199

B

Baralho do sono 61, 62, 68, 69, 70, 71

C

Captura 33, 150, 157, 158

Cidadania 74, 82, 84, 116, 139, 140, 145, 148, 161, 162, 171, 173

Conceituação 102, 103, 107, 112

Conflito 36, 43, 51, 112, 115, 135

Convívio 29, 75, 83, 115, 116, 141

Crianças 33, 44, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 116, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140

Críticas ao feminismo 174, 177

D

Democracia 115, 118, 161, 167, 171

Depressão 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 64, 190, 194, 195, 196

Desafios do movimento feminista 174, 177

Desenvolvimento infantil 61, 64, 70, 71, 127, 128

Destreza motora 86, 87, 98, 101

E

Economia solidária 161

Édipo 14, 18

Educação 12, 13, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 101, 102, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 172, 176, 184, 185, 201

Educação nos presídios 40

Educação parental 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135
Ensino 27, 41, 45, 46, 47, 61, 69, 70, 71, 76, 81, 83, 85, 115, 117, 120, 121, 122, 130, 133, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 193, 201
Escola 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 61, 69, 70, 72, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 156
Escrita acadêmica 1, 11, 12
Escuta clínica 40, 45, 47
Estimulação 45, 123, 131, 132, 133, 134
Estranho 8, 14, 20, 25, 26

H

Histórico 7, 38, 85, 102, 112, 140, 153, 158, 162, 176, 180, 184

I

Implicação 1, 3, 5, 6, 7, 11, 13, 142
Infância 64, 65, 70, 72, 87, 113, 125, 126, 134

L

Leitura e escrita 48, 49, 50, 52
Linguagem infantil 86, 125, 134
Loucura 18, 58, 59, 60

M

Maternidade 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 177
Modelo integrado 123, 126, 134, 135
Mulher 23, 27, 50, 124, 130, 132, 135, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 187, 197

N

Narrativas de histórias 48

O

Otimismo 185, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 197, 198

P

Pelbart 58, 59, 60
Periferias 74, 75, 76, 77
Pesquisa participante 1
Pessoas com deficiência 74, 75, 78, 79, 82, 83, 84, 85
Práticas educativas 123, 126, 132, 138, 142, 147

Profissionalização 74, 75, 78, 81, 82, 83
Protagonismo feminino 161, 162, 171, 172
Psicanálise 16, 27, 28, 35, 38, 39, 40, 44, 47, 48, 57, 200, 201
Psicologia educacional 137
Psicologia positiva 185, 187, 189, 190, 198, 199, 200
Psicopedagogia 48, 57, 201
Psicose 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 25, 26, 27, 35

R

Recurso psicoeducativo 61, 62, 68, 71
Relacionamento 45, 88, 119, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139

S

Sociedade 16, 19, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 42, 45, 47, 58, 59, 60, 62, 64, 72, 73, 77, 82, 83, 84, 85, 115, 116, 118, 121, 122, 137, 138, 147, 149, 150, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 165, 167, 168, 169, 171, 175, 179, 180, 182, 183, 187

T

TDAH 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113
Trabalho 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 23, 24, 26, 36, 37, 38, 42, 44, 45, 48, 49, 50, 52, 53, 61, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 81, 83, 84, 85, 96, 102, 104, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 126, 133, 139, 140, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 155, 156, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 190
Transexualidade 185, 186, 187, 188, 197, 198
Transtorno do espectro do autismo 86, 87, 90

PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



facebook.com/atenaeditora.com.br

PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



facebook.com/atenaeditora.com.br